



ANAIS do 34º Congresso Brasileiro de Espeleologia

Ouro Preto SP, 13-18 de junho de 2017 - ISSN 2178-2113 (online)



O artigo a seguir é parte integrando dos Anais do 34º Congresso Brasileiro de Espeleologia disponível gratuitamente em www.cavernas.org.br/34cbeanais.asp

Sugerimos a seguinte citação para este artigo:

LA SALVIA, E. S.; *et al.*. As cavidades naturais e a ocupação pré-histórica no Vale do Cochá, Montalvânia e Juvenília/ Minas Gerais. In: RASTEIRO, M.A.; TEIXEIRA-SILVA, C.M.; LACERDA, S.G. (orgs.) CONGRESSO BRASILEIRO DE ESPELEOLOGIA, 34, 2017. Ouro Preto. *Anais...* Campinas: SBE, 2017. p.547-557. Disponível em: <http://www.cavernas.org.br/anais34cbe/34cbe_547-557.pdf>. Acesso em: *data do acesso*.

A publicação dos Anais do 34º CBE contou com o apoio do Instituto Brasileiro de Mineração. Acompanhe a cooperação SBE-IBRAM em www.cavernas.org.br/sbe-ibram

Esta é uma publicação da Sociedade Brasileira de Espeleologia.
Consulte outras obras disponíveis em www.cavernas.org.br



IBRAM 40 anos
INSTITUTO BRASILEIRO DE MINERAÇÃO
Brazilian Mining Association
Câmara Mineira de Brasil

AS CAVIDADES NATURAIS E A OCUPAÇÃO PRÉ-HISTÓRICA NO VALE DO COCHÁ, MONTALVÂNIA E JUVENÍLIA/ MINAS GERAIS
THE CAVES AND PREHISTORIC OCCUPATION IN THE COCHA'S VALEY, MONTALVÂNIA E JUVENÍLIA/MINAS GERAIS

Eliany Salaroli LA SALVIA (1); Renato Saad PANUNZIO (2); Diógenes Rodrigues COSTA (3); José da Costa REIS (4)

- (1) Arqueóloga coordenadora da Arkeos Consultoria Ltda, Ouro Preto MG.
(2) Mestrando no MAE-USP, estagiário do Laboratório de evolução humana-USP, São Paulo SP.
(3) Bacharel em arqueologia e arqueólogo de campo da Arkeos Consultoria Ltda, Ouro Preto MG.
(4) Técnico em Mineração e de campo da Arkeos Consultoria Ltda, Ouro Preto MG.

Contatos: likalasalvia@gmail.com; arkeosconsultoria@gmail.com.

Resumo

Este artigo tem por finalidade apresentar levantamento arqueológico realizado em áreas sob licenciamento ambiental localizadas nos municípios de Montalvânia e Juvenília, região norte de Minas Gerais, divisa com a Bahia pelo rio Carinhanha. A sequência dos procedimentos foi voltada para o cruzamento de dados entre os sítios encontrados em campo com os dados secundários, obtidos por meio de revisão da literatura existente. Posteriormente, a partir do georreferenciamento e identificação dos mesmos, avaliou-se os impactos do empreendimento para o patrimônio arqueológico local. A descrição de 1970 foi norteadora na identificação dos sítios, assim como, as informações obtidas junto ao IPHAN acerca de novos sítios na região. Apesar da área ser alvo de exploração minerária – calcário e argila – pela Empresa Sintertec Ltda., acredita-se que através de uma arqueologia preventiva, possa-se mitigar o impacto do empreendimento ao patrimônio arqueológico – compatibilizando a coexistência do empreendimento com o referido patrimônio.

Palavras-Chave: georreferenciamento; sítios arqueológicos; arte rupestre.

Abstract

This issue aims to present archeological survey conducted in areas under an environmental license located in the cities of Montalvânia and Juvenília, northern region of Minas Gerais, border with the Bahia by Carinhanha River. The sequence of procedures was facing the intersection of data between the sites found in the field with the secondary data, obtained through review of existing literature. Subsequently, from the georeferencing and identification of these, evaluated the impacts of the project for the archeological heritage site. The description of 1970 was guided in identifying sites, as well as, the information obtained from the IPHAN about new sites in the region. Despite the area being the target of mining - limestone and clay - by the Company Sintertec Ltda., it is believed that through a preventive archeology, can mitigate the impact of the project to the archeological heritage - matching the coexistence of the achievement with this heritage.

Key-words: georeferencing; archaeological sites; rock art.

1. INTRODUÇÃO

A região norte mineira vem se destacando há algumas décadas no cenário pré-histórico regional e nacional, corroborando com a ideia de que o relevo cárstico oferece as condições necessárias para que uma ocupação pré-histórica ocorra de forma intensa. Algumas outras regiões de destaque em Minas Gerais também contribuem para essa premissa, como por exemplo, a região de Lagoa Santa/Matozinhos/Pedro Leopoldo, o carste de Arcos-Pains, a região de Januária, Coração de Jesus, Montes Claros, etc.

Assim acontece com o relevo cárstico do Vale do Cochá. Com uma abundância e riqueza de vestígios ali encontrados e, ao mesmo tempo, a necessidade de dar continuidade, aprofundamento aos estudos, considerando que poucos sítios, até o momento, foram escavados. Num universo de mais de 100 sítios arqueológicos, apenas a Lapa do Poseidon, Lapa do Dragão, Lapa da Mamoneira e Lapa do Gigante foram estudados pela equipe da UFMG. No levantamento realizado pela UFMG (PROUS 1996/1997) e, posteriormente confirmado por Ribeiro (2006), a distribuição dos sítios arqueológicos ocorre ao

longo dos maciços calcários, geralmente no sopé desses maciços (Figura 01).

Devido à presença marcante de gravuras e pinturas nestes sítios, a equipe da UFMG dedicou-se aos estudos destes grafismos, procurando entender e classificá-los segundo as tradições e estilos existentes. A partir daí definiu-se o que se denomina como Complexo Montalvânia constituído por gravuras e pinturas. Porém, nestes sítios também ocorrem grafismos de outras tradições como a Tradição São Francisco, Tradição Agreste e Tradição Nordeste.

O objetivo do levantamento de campo que se relata neste artigo foi basicamente encontrar e identificar sítios arqueológicos nos abrigos e grutas existentes na região e, a partir daqueles descritos pela UFMG, através de comparação da descrição com a situação em campo, identificar e georreferenciar, pois, muitos ainda se encontram sem coordenadas geográficas.

Outra característica comum à ocupação em relevos cársticos é a presença dos sítios de superfície ou a céu aberto, com predominância de vestígios cerâmicos e líticos. Isto não é diferente no Vale do Cochá, porém, muito pouco estudado e até mesmo registrado. Algumas coordenadas mais recentes foram repassadas pelo IPHAN, mas, os vestígios nas referidas coordenadas não foram encontrados. Ao mesmo tempo, novas descobertas ocorreram entre oficinas líticas e sítios lito-cerâmicos, assim como, em cavidades naturais com vestígios.

1.1 Complexo Montalvânia e uma cronologia cultural para a região

A pré-história do Alto-Médio São Francisco se destaca pelos achados arqueológicos encontrados entre o vale do rio Peruaçu, em Januária e, os vales dos rios Cochá e Carinhonha em Montalvânia. Diferentes abrigos foram escavados, entre eles: Lapa do Boquete, Lapa dos Bichos, Abrigo do Malhador, da Hora, Toca do Caboclo, do Índio e Lourenço, no Peruaçu. Em Montalvânia, as Lapas do Poseidon, Labirinto de Zeus, Mamoneira e Lapa do Dragão foram estudadas pelo Instituto Brasileiro de Arqueologia (IAB), no início da década de 1970 e, posteriormente pela equipe multidisciplinar da UFMG (1977).ⁱ

Destes trabalhos, foi possível estabelecer uma cronologia cultural para a região:

Ω entre 12.000-9.000 BP > ocupações mais antigas nos abrigos; com um rico material arqueológico;

Ω entre 9.000-5.000 BP > período arcaico inicial; material arqueológico pouco expressivo;

Ω entre 5.000-2.000 BP > período arcaico final; com um conjunto de vestígios desigual entre as regiões;

Ω de 2000 BP até o período colonial > período ceramista; com um acervo material e de estruturas abundante.

Compreende-se pelo conjunto temático denominado Complexo Montalvânia, os grafismos antropomórficos (realista ou esquemático), ou seja, predomina a representação gráfica de seres humanos através das gravuras de “pés, mãos, pernas, braços, armas, outros objetos, diversas formas geométricas e zoomorfos” (RIBEIRO 2008). As análises detalhadas de painéis com abundância de figuras geométricas sugerem a expressão da mesma temática antropomórfica presente nos grafismos figurativos (Figuras 02 a 08).

O antropomorfismo predominante no Complexo Montalvânia apresenta-se tanto nas gravuras como nas pinturas. As similaridades entre ambos são observadas pela preferência por suportes discretos, porém, distintos, ambos os grafismos evitaram a superposição com figuras pré-existentes (RIBEIRO 2006).

Constatou-se que o suporte preferido para as gravuras, frequentemente apresenta-se polido e lustroso localizados em pisos no fundo dos abrigos e nos condutos hídricos ou nas bases da colunas e paredes, geralmente em área de penumbra. Por sua vez, os suportes preferidos para as pinturas são geralmente horizontais escalonados e/ou verticais irregulares, nas porções mais altas das paredes e até mesmo nos tetos (RIBEIRO 2008).

Segundo Ribeiro (2008), as pinturas estão presentes na maioria dos sítios rupestres conhecidos no norte mineiro e sudoeste baiano, mas são menos frequentes nos abrigos com gravuras do Complexo Montalvânia. Será que havia uma escolha consciente para a distinção entre “abrigos para pintar” e “abrigos para gravar”?

Junto aos painéis de pintura em sítios com predominância do Complexo Montalvânia, grafismos das Tradições São Francisco e Agreste

também foram identificados. Sabe-se que há muito mais representações do que estas, mas, como o objetivo não era estudar os registros gráficos, apenas identificar os sítios, aqueles mais evidentes foram registrados (Figuras 09 a 12).

2. METODOLOGIA

A metodologia de campo adotada para identificar os sítios arqueológicos existentes nas duas áreas sob licenciamento ambiental contou com a prospecção espeleológica realizada pela Empresa Prospecto, que, ao encontrar diversos abrigos e grutas, muitos com pinturas e/ou gravuras, alguns com cerâmicas e líticos em superfície, registrava tal informação e georreferenciava.

A partir destes dados fornecidos pela Prospecto, a equipe de arqueologia visitou cada cavidade com vestígio arqueológico procurando

identificar os sítios já conhecidos pelas descrições feitas pela equipe multidisciplinar da UFMG em 1977.

Além desta identificação realizou-se novamente o preenchimento das fichas de cadastro de sítio arqueológico do IPHAN. De qualquer forma, caminhamento e coordenadas (quando necessárias) foram registradas em GPS Garmin, modelo Montana 650 e modelo 64s. Realizou-se levantamento fotográfico dos abrigos e grutas e dos painéis de registros gráficos, assim como, dos vestígios arqueológicos encontrados em superfície. Algumas coletas dos vestígios encontrados em superfície, tanto nos abrigos como nas áreas superficiais foram feitas também. Cabe ressaltar que este trabalho foi realizado após encaminhamento, análise e portaria autorizativa emitida pelo IPHAN-CNA (Brasília) nº 26 (área 226) e nº 32 (área 083), publicadas em 27/05/2016 e 20/06/2016, respectivamente.

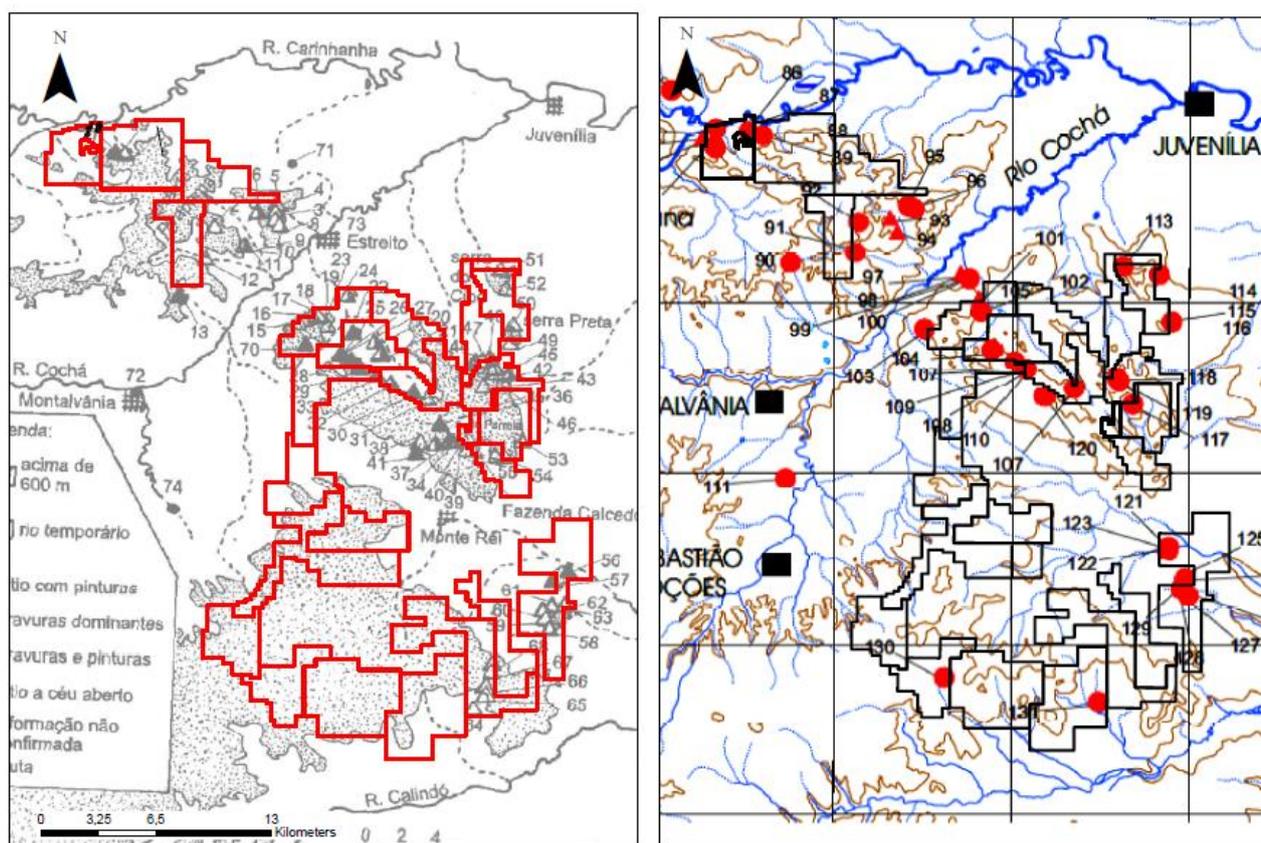


Figura 1: Mapa de Localização de sítios arqueológicos na região do Vale do Cochá, à esquerda UFMG/1996 e à direita Loredana Ribeiro (2006).



Figura 2: Vista de fora para dentro da Lapa da Hidra, Montalvânia/MG.

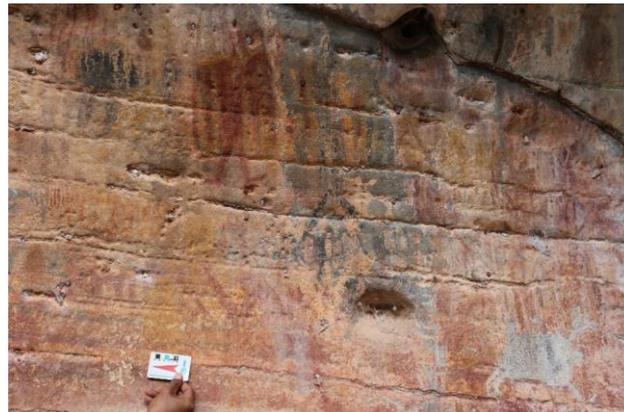


Figura 5: Pannel de Pinturas com policromia, Tradição São Francisco.

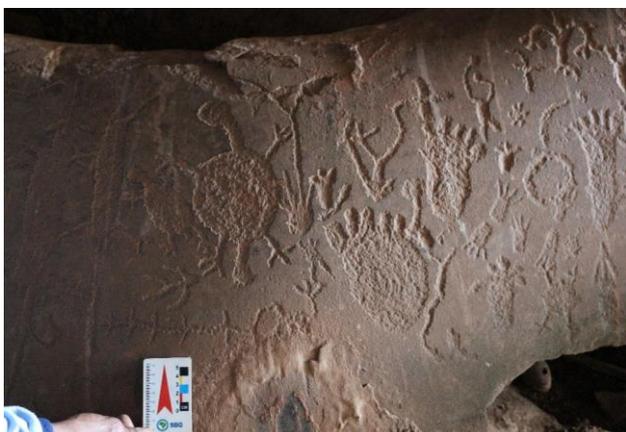


Figura 3: Gravuras do Complexo Montalvânia, Lapa da Hidra, Montalvânia/MG.



Figura 6: Pés e zoomorfos da Lapa do Gigante, Montalvânia/MG.



Figura 4: Vista parcial da Lapa do Gigante, Montalvânia/MG.



Figura 7: Vista parcial da Lapa do Poseidon, Juvenília/MG.



Figura 8: Gravuras do Complexo Montalvânia, Lapa do Poseidon, Juvenília/MG.



Figura 9: Vista parcial da Lapa da Mamoneira, Montalvânia/MG.



Figura 10: “Pássaro de asas abertas”, grafismo emblemático da Tradição Agreste, Lapa da Mamoneira, Montalvânia/MG.

3. DISCUSSÃO E RESULTADOS

Considerando, para o Brasil, a premissa de que os abrigos sob rocha e/ou as entradas das grutas eram ocupadas para a realização de uma atividade qualquer, seja ela, a realização das

pinturas e gravuras, ou fabricação dos instrumentos líticos, ou na espreita por uma caça ou para se abrigar diante de alguma intempérie, procurar por vestígios arqueológicos nas áreas sedimentares que se encontram no entorno dos maciços calcários ou nas planícies, torna-se de extrema importância para entender o contexto local, independente de qual região cárstica.



Figura 11: Representações de “círculos concêntricos” do Complexo Montalvânia, Lapa da Mamoneira.



Figura 12: Policromia, seres vivos, geométricos, comuns da Tradição São Francisco, Lapa da Mamoneira.

Até o momento não se encontrou nenhuma cavidade natural compartimentada, isto é, com setores em seu salão de entrada destinados a diferentes atividades, como por exemplo, um setor para se alimentar com fogueiras para assar e cozer, um setor para dormir, um setor para defecar. Enquanto não se encontrar este tipo de sítio, parte-se da premissa acima elencada.

Segundo, o tamanho desse abrigo ou salão de entrada de uma gruta precisa ser suficiente para abrigar um grupo de trinta indivíduos, pelo menos, pois, menor que isso dificultaria a sobrevivência do grupo. Há de se considerar o fato de que havia crianças, mulheres e idosos, além dos próprios homens caçadores (BINFORD, 1982).

Terceiro, existem poucas correlações entre os vestígios encontrados em áreas sedimentares superficiais e os abrigos e grutas com registros gráficos. Os primeiros, geralmente, estão situados entre 2500-2000 anos AP até a chegada do colonizador e, os segundos, vão desde 2.000-2.500 anos AP até 12.000 anos AP, por enquanto. Na ocupação mais recente, pode haver uma associação entre aqueles que se estabeleciam nas áreas externas e aqueles que ocupavam os abrigos, ou seja, serem os mesmos grupos? Nas ocupações mais recentes, os vestígios predominantes são cerâmicas e líticos e, estes são, muitas vezes, encontrados nas superfícies das cavidades. Até o momento, tem-se aí uma distinção entre as atividades realizadas nos abrigos e os grupos que as realizaram, ou seja, caçadores-coletores/pinturas-gravuras,

horticultores/cerâmicas, ambos fabricaram seus instrumentos líticos.

3.1 Resultados Obtidos

Constatou-se que há uma ocupação intensa dos abrigos sob rocha e grutas e, que são muito poucos os sítios estudados de forma mais profunda, com a finalidade de datar tais ocupações e, assim, poder estabelecer as correlações cronoculturais, tão necessárias ao entendimento da ocupação da região.

Os sítios encontrados, alguns foram comparados à descrição do levantamento de 1977 e assim identificados e, outros são realmente novas descobertas.

Apresentam-se nas Tabelas 1 e 2 as coordenadas geográficas em UTM (datum SIRGAS 2000) para os sítios arqueológicos encontrados e identificados, tanto em cavidades naturais como nas áreas superficiais.

De todos os sítios levantados destaca-se aqui, neste artigo, um sítio de superfície denominado Sítio Lagoa da Pedra, onde foram encontrados mais de 600 fragmentos de cerâmica, com espessura grossa, sem decoração ou engobo. Ocorrem junto a estas cerâmicas, outras mais finas, sem datações ainda. Duas amostras deste sítio foram enviadas para datação e deram 310 ± 45 anos e 280 ± 40 anos AP (TL/Datação-SP). Estas amostras foram encontradas na superfície e sugerem ser o local uma aldeia indígena que se estabeleceu ali por pelo menos 30 anos (Figuras 13 e 14).

Tabela 1: Cavidades na área 226.

Nome	Zona	UTM Norte	UTM Leste	Altitude	Vestígio	Dados
Lapa da Ferradura	23L	564899,000	8420512,000	0,000	?	IPHAN
Abrigo do Raspador	23L	566613,000	8420552,000	0,000	?	Fogolari
Pinturinha1	23L	566846,000	8419794,000	0,000	pint	IPHAN
Pinturinha2	23L	566723,000	8419810,000	0,000	pint	IPHAN
Pinturinha3	23L	566674,000	8419849,000	0,000	pint	IPHAN
Sítio Carvoeiro1	23L	566884,000	8419789,000	0,000	?	Fogolari
Sítio Carvoeiro2	23L	566681,000	8419789,000	0,000	?	Fogolari
Mamoneira 2	23L	566957,929	8419806,603	530,020	Grav/Lit	Arkeos/IPHAN
Gruta do Talho	23L	564839,709	8420480,448	482,031	cerâmica	Arkeos
Gruta da Carvoeira	23L	566813,000	8420528,000	0,000	cerâmica	IPHAN
Abrigo lítico	23L	566585,210	8420471,223	479,878	litico	Arkeos
Abrigo da Ema (A152)	23L	565454,017	8420453,080	0,000	grav/cer/lit	Prospecto
Lapa da Mamoneira	23L	566893,915	8419827,015	535,084	grav/pint/ sond	Arkeos/IPHAN

Tabela 2: Cavidades na área 083.

Nome	Zona	UTM Leste	UTM Norte	Vestígio	Dados
Abrigo da Passagem	23L	572424,187	8412162,024	pint	Arkeos
ACIMAARCO	23L	572492,087	8412151,541	pint	Arkeos
Lapa da Hidra	23L	583620,000	8402591,000	pint	IPHAN
Lapa do Gigante	23L	572403,985	8412185,974	pint	IPHAN
Abrigo Isolado (A243)?	23L	572586,176	8412173,277	pint	
Abrigo da Divisa	23L	582204,000	8406174,000	não encontrada	IPHAN
Nicho João Amarante	23L	582302,000	8406174,000	não encontrada	IPHAN
Gruta da Onça	23L	582421,000	8406174,000	coordenada errada	IPHAN
Abrigo do Outro	23L	582378,000	8406102,000	não encontrada	IPHAN
Lapa Poseidon	23L	576612,000	8408456,000	grav, pint, sondagem	IPHAN
Lapa do Hermes 1	23L	578888,165	8411555,394	pint	IPHAN
Pingueira do Juarez (D095)	23L	579509,573	8409398,226	grav/lit	IPHAN
Lapa do Hermes 2	23L	578943,782	8411548,803	pint	IPHAN
A002 (Lapa da Esquadriha)	23L	578149,000	8408239,000	grav, pint	IPHAN
A078	23L	581943,000	8407360,000	pint	Prospecto
A114	23L	581342,000	8407323,000	grav/cer/lit	Prospecto
A205 (Pingueira do Juarez II)	23L	579602,000	8409346,000	lit/grav/pint	UFMG/ Prospecto
A207B	23L	579697,000	8409333,000	pint	Prospecto
Gruta das Raízes	23L	581594,572	8407274,536	cer/lit	Arkeos
B051	23L	579544,000	8408849,000	cerâmica	Prospecto
C087	23L	577744,000	8407796,000	picoteamento	Prospecto
C120	23L	580104,000	8408221,000	pint	Prospecto
C121	23L	580141,000	8408232,000	pint	Prospecto
C216	23L	580078,000	8407627,000	grav	Prospecto
B060	23L	580284	8408227	pintura	Prospecto
B57A	23L	579702,086	8408946,329	cerâmica	Prospecto
B057	23L	579709,925	8408970,195	cer/lit	Prospecto
Abrigo do Lourenço	23L	578617,268	8411475,176	pint	IPHAN
Painel isolado	23L	578976,148	8411350,602	pint	IPHAN
Gruta da Dobrinha	23L	579012,359	8411480,561	pint	IPHAN
Abrigo 004	23L	579852,48	8408909,79	pint	Arkeos
Abrigo do Sol	23L	582352,841	8406023,923	pint/grav/lit/cer	Arkeos
Abrigo do Caminho	23L	583310,414	8405690,558	grav/pint	Arkeos
VULCANO III	23L	584157,301	8405213,074	grav	UFMG/
VULCANO I	23L	584175,227	8405190,559	grav	UFMG/
Bíblia de Pedra	23L	583245,057	8405681,928	grav	UFMG/
A006 Labirinto de Zeus	23L	587780,000	8405679,000	grav/pint/sondagem	UFMG/
A013 Labirinto de Zeus	23L	587609,000	8405729,000	grav/pint/sondagem	UFMG/

Além deste sítio de superfície, um pequeno abrigo a 350 m de distância deste último, denominado Abrigo da Ema (Cavidade A152) que merece destaque pelas gravuras encontradas em suas paredes de fundo, divergentes do Complexo Montalvânia, pois, estão ali representados apenas zoomorfos (cervídeos, tartarugas, macacos, emas, etc.). A técnica utilizada também não é a mesma. No Complexo Montalvânia observa-se o alto relevo nas gravuras, aqui, as figuras foram

“raspadas”. Encontrou-se também fragmentos de cerâmica em superfície, em canal de água que sugere ter sido carregada de fora para dentro do abrigo (Figuras 15 a 20). Com as mesmas características daquelas do Sítio Lagoa da Pedra, enviou-se um desses fragmentos para datar e, a datação foi a mesma, 280±40 anos AP (TL/Datação-SP).



Figura 13: Vista geral da área do Sítio Lagoa da Pedra.



Figura 14: Cerâmicas encontradas na superfície.



Figura 15: Vista externa do maciço calcário do Abrigo da Ema (Cav A152).

4. CONCLUSÕES

De acordo com a proposta inicial de se encontrar sítios descobertos em 1977 e ainda sem coordenadas, este trabalho não só encontrou alguns deles como descobriu outras tantas cavidades naturais com registros gráficos em

evidência. Dentre os sítios descobertos em 1977, alguns como Bíblia de Pedra, Vulcano I e III e Labirinto de Zeus foram visitados e georreferenciados, além daqueles que se encontram nas áreas de influência do empreendimento, como por exemplo, Lapa do Poseidon, Lapa da Esquadriha, Lapa da Mamoneira e Pingueira do Juarez.



Figura 16: Vista parcial do Abrigo da Ema (Cav A152).



Figura 17: Fragmentos de cerâmica na superfície do abrigo.

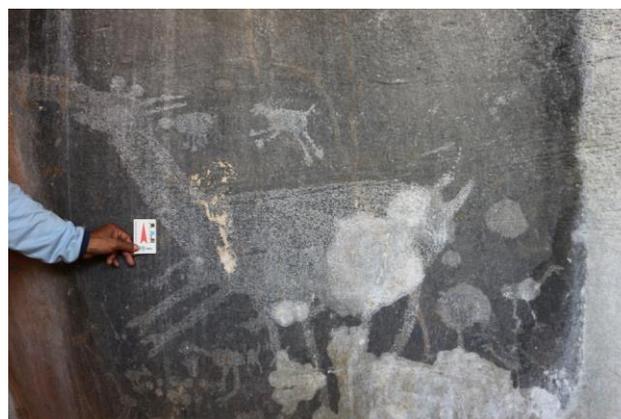


Figura 18: Detalhe do painel frontal, Abrigo da Ema.



Figura 19: Painel lateral com as “emas”, Abrigo da Ema.

Constata-se que, passados exatos 40 anos, há muito a estudar. São muitas perguntas e poucas respostas. Dentro do universo de vestígios encontrados na região, as datações e escavações são insignificantes, porque são poucas diante da abundância de sítios e vestígios.

A proposta inicial de averiguar se os sítios que se estavam descobrindo era alguns daqueles já descobertos em 1977, foi atingida, embora, ainda faltem muitos sítios daquela época, que, apesar de se localizarem nas adjacências, não foram alvo deste levantamento arqueológico. Nas Figuras 21 e 22 apresentam-se mapas das respectivas áreas – 226 e 083 – com os resultados obtidos durante a realização do diagnóstico arqueológico.

De qualquer forma, as cavidades naturais com registros gráficos já estão preservadas e protegidas por lei federal (Lei 3.924/1961) e, deve-se, no mínimo, estabelecer um raio de proteção no entorno delas de 250 m como medida preventiva.

MAPA 1

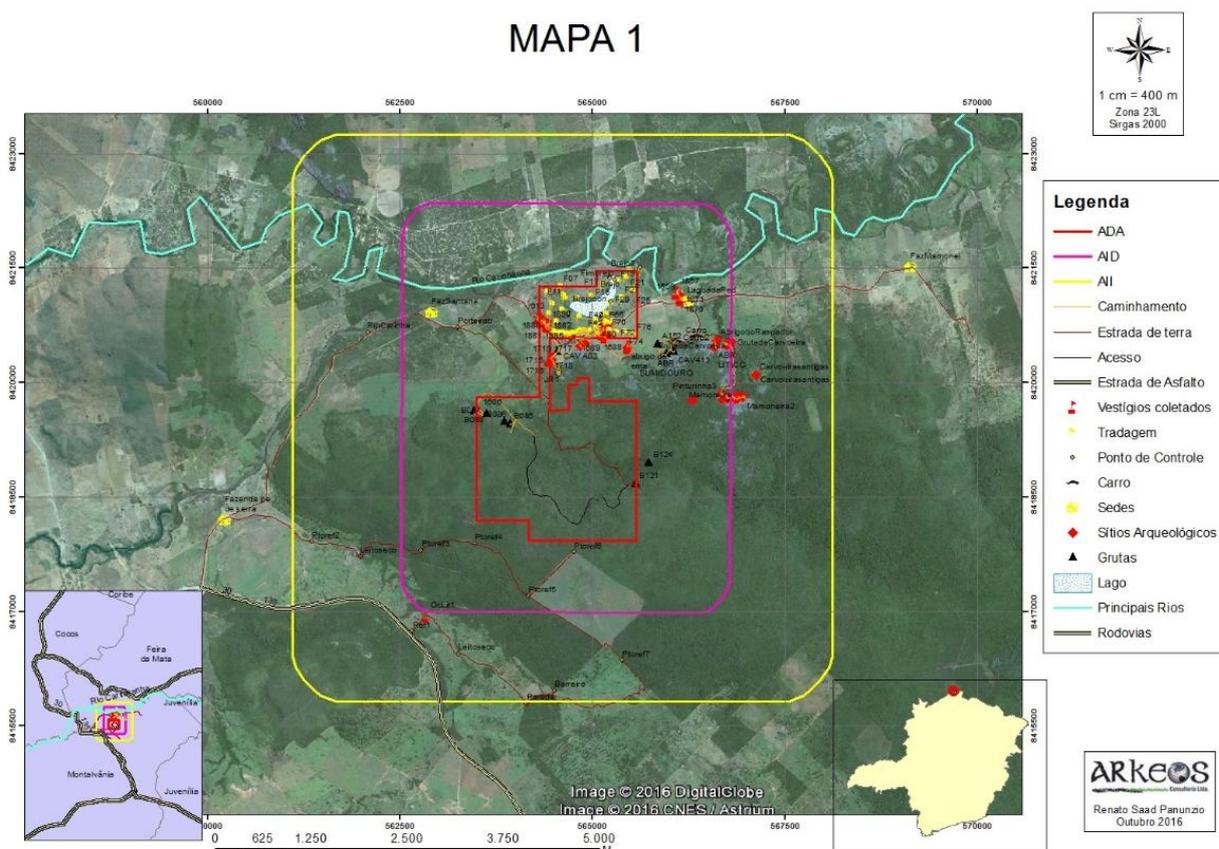


Figura 20: Mapa de localização da área de interesse 226 e os resultados obtidos.

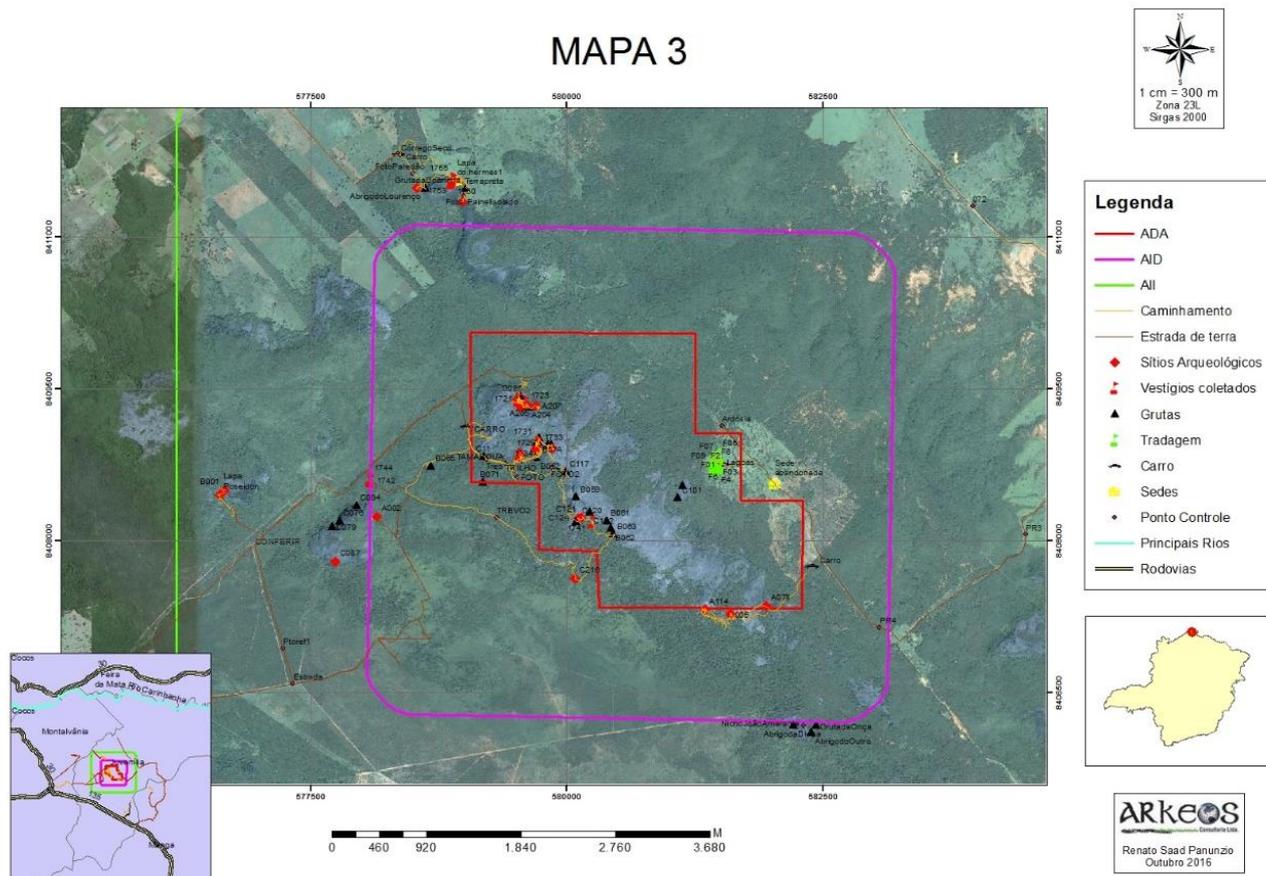


Figura 21: Mapa de localização da área de interesse 083 e os resultados obtidos.

REFERÊNCIAS

- BINFORD, L. The Archaeology of Place. **JOURNAL OF ANTHROPOLOGICAL ARCHAEOLOGY**, vol. 1, p.5 - 31, 1982.
- FOGAÇA, E. Mãos para o pensamento: a variabilidade tecnológica de indústrias líticas de caçadores-coletores holocênicos a partir de um estudo de caso – as camadas VIII e VII da Lapa do Boquete, Minas Gerais, Brasil (12.000-10.500 anos BP). Porto Alegre: PUCRS/FFCH, **tese de Doutorado**, 2001.
- FOGOLARI, E. P., Relatório de Monitoramento, salvamento e educação patrimonial em trecho da BR135, Divisa da Bahia/Montalvânia-MG. DNIT/HabitusBio, Erechim, 2014.
- ISNARDIS, A. Lapa, Parede, Painel - distribuição geográfica das unidades estilísticas de grafismos rupestres do vale do rio Peruaçu e suas relações diacrônicas (Alto-Médio São Francisco, Norte de Minas Gerais). **Diss. Mestrado**, MAE/USP, 2004.
- PROUS, A. et al. Arqueologia do curso médio do rio São Francisco – região de Montalvânia. **Arquivos do Museu de História Natural**. Belo Horizonte: UFMG, v.17/18.
- RIBEIRO, L. Contexto arqueológico, técnicas corporais e comunicação: dialogando com a arte rupestre do Brasil Central (Alto-Médio São Francisco). IN: **Revista de Arqueologia**, 21, n.2, p.59-60, 2008.



ⁱ Isnardis, A. Lapa, Parede, Paineis - distribuição geográfica das unidades estilísticas de grafismos rupestres do vale do rio Peruaçu e suas relações diacrônicas (Alto-Médio São Francisco, Norte de Minas Gerais). Diss. Mestrado, MAE/USP, 2004, p.67-68.

Ribeiro, L. O Significado das Similaridades e do Contraste entre os Estilos Rupestres – um estudo regional das gravuras e pinturas do Alto-médio São Francisco. Teses de Doutorado, MAE/USP, 2006, 359 p.